

Perambulantes: fotodocumentalismo com trabalhadores autônomos de semáforos¹

Arthur de Oliveira ROCHA²

Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN

RESUMO

Este trabalho compreende um ensaio fotográfico jornalístico com dez registros feitos ao longo de seis semáforos dispostos pela malha urbana da Zona Sul da cidade de Natal/RN, em junho de 2012. O ensaio contempla a temática dos vendedores autônomos, tão comumente encontrados nos sinais e cruzamentos dos grandes centros urbanos. Na maior parte das vezes, marginalizados e vistos com maus olhos, o ensaio tenta captar a simplicidade, força de vontade e satisfação desses profissionais sem carteira assinada, sem férias remuneradas e sem décimo terceiro.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio fotográfico; Fotojornalismo; Fotodocumentalismo; Autônomos; Vendedores ambulantes.

1 INTRODUÇÃO

Originada num ambiente positivista, a fotografia era vista praticamente apenas como o registro visual da “verdade”, por isso mesmo acaba sendo adotada pela imprensa. Contudo, ainda alvo de muitas restrições, a fotografia era utilizada apenas de modo ilustrativo e não informativo, sendo dispensada por muitos veículos da época, em especial os mais conservadores.

Os editores, ainda muito presos a uma mentalidade e rotina produtiva literária, resistiram durante bastante tempo a usar a fotografia com texto, porque não davam credibilidade a seriedade da informação fotográfica e porque as fotografias não se enquadrariam na cultura jornalística dominante na época. As restrições da publicação das fotografias também se devem às tecnologias ainda pouco desenvolvidas para reproduzi-las e disseminá-las como mídia de massa. Somente na Inglaterra, em 1904, no Daily Mirror, e na

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo.

² Aluno líder do grupo, estudante do 9º Semestre de Comunicação Social – Jornalismo, da UFRN e Integrante do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia, UFRN. email: arthurd.oliveira@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM)- UFRN. Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia. Integrante do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal. Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM – Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação. e-mail: itanobre@gmail.com.

França, em 1910, no jornal *Excelsior*, as fotografias passam a ser usadas como meio informativo e não ilustrativo, com o intuito de legitimar e credibilizar o texto jornalístico.

Para Jorge Pedro Sousa, as fotografias jornalísticas devem ser encaradas como “artefactos de gênese pessoal, social, cultural, ideológica e tecnológica” (SOUSA, 1998, p.2). As primeiras manifestações do que se tornariam as fotografias jornalísticas ocorrem quando os “primeiros entusiastas da fotografia apontaram a câmara para um acontecimento, tendo em vista fazer chegar essa imagem a um público, com intenção testemunhal”. (SOUSA, 1998, p.19).

A definição de fotojornalismo é cada vez mais difícil de precisar, devido à multiplicidade da atividade, que dificilmente se apresenta unicamente quanto a expressão e convergências de temas, técnicas, abordagens e de pontos de vista. Por isso, Sousa traz duas definições de fotojornalismo (*lato e stricto sensu*):

No sentido *lato*, entendemos por fotojornalismo a actividade de realização de fotografias informativas, interpretativas, documentais ou "ilustrativas" para a imprensa ou outros projectos editoriais ligados à produção de informação de actualidade. Neste sentido, a actividade caracteriza-se mais pela finalidade, pela intenção, e não tanto pelo produto. (...) Assim, num sentido *lato* podemos usar a designação fotojornalismo para denominar também o fotodocumentalismo e algumas foto-ilustrativas que se publicam na imprensa. (SOUSA, 1998, p.5)

No sentido *restrito*, entendemos por fotojornalismo a actividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista ("opinar") através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. (SOUSA, 1998, p.5-6)

Com o trabalho de fotógrafos da cultura social e pioneiros da fotografia humanística é que se situa mais precisamente o nascimento do fotodocumentalismo moderno. A fotografia documental dos nossos dias é a herdeira do documentalismo social do final do século XIX. Hoje, os fotógrafos documentais estão mais interessados em conhecer e compreender do que em mudar o mundo. Não se persegue a ideia de uma verdade universal no processo de atribuição de sentido que carrega um registro fotográfico. Eles promovem no leitor a necessidade de se questionar e chegar à sua verdade subjetiva.

Os fotodocumentalistas contemporâneos frequentemente utilizam livros e exposições para difusão do seu trabalho, em vez da imprensa, já que a fotografia num livro ou galeria não será olhada rapidamente como ocorre nos jornais e revistas. Ao observador é exigido “um maior esforço de decodificação e uma maior atenção”. (SOUSA, 1998, p.165)

Dois aspectos que ajudam a delimitar o fotodocumentalismo dentro do fotojornalismo: a tipologia de trabalho, já que o fotodocumentalista trabalha com projeto fotográfico, enquanto o foto-repórter chega diariamente ao trabalho sem saber exatamente o que vai fotografar e em que condições. Outro aspecto, também apontado por Sousa (2002) é que, geralmente, o fotojornalista fotografa assuntos de importância momentânea, da actualidade, já os temas fotodocumentalísticos são tendencialmente intemporais.

Levando-se em consideração que não há uma única maneira de classificar os gêneros fotojornalísticos, este trabalho se enquadra como “histórias em fotografias”, segundo divisão dos manuais e livros de fotojornalismo - notícias, features, retrato, ilustrações, paisagem e história em fotografia (que engloba foto-reportagem e foto-ensaio).

2 OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é apresentar os resultados alcançados com a produção de um ensaio fotográfico jornalístico com dez diferentes trabalhadores autônomos dispersos nos semáforos da cidade de Natal-RN. O ensaio documentou fotograficamente o cotidiano profissional destes personagens da vida real, da vida que ninguém vê.

A finalidade do desenvolvimento desta narrativa fotojornalística é exatamente o que Jorge Pedro Sousa (1998, p.47) diz sobre a motivação do fotodocumentalismo na fotografia do século XX: “o desejo de conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras eram insuficientes”.

A difícil tarefa do fotojornalista ao retratar alguém também esta presente neste trabalho, uma vez que consiste em mostrar não apenas a aparência física exterior de cada autônomo, como também evidenciar traços da sua personalidade e forma de trabalho.

O fotodocumentalismo tem o objetivo de promover diferentes linhas de atuação, leituras diferenciadas do real, possibilitando a polissemia. Ele compactua da diversidade cultural e da polifonia, permite proliferar pontos de vista e estimula inquietações e incertezas sociais e humanas, refutando estereótipos, problematizando certezas feitas e verdades absolutas. Por meio deste relato visual, pode-se observar a barreira enorme que ainda separa autônomos de motoristas diariamente nos sinais de trânsito. A proposta central do trabalho é fomentar uma reflexão e captar, através das fotos aliadas às legendas, sensações, perfis, histórias de vida e perspectivas a fim de desconstruir o estereotipo do trabalhador autônomo do semáforo.

3 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista o caráter social intrínseco ao trabalho do fotojornalista e do fotodocumentalista, foi escolhido um tema que contemplasse esse aspecto social e humano. Os trabalhadores autônomos são recorrentes no meio jornalístico, mas sempre no ponto de vista da apreensão de produtos, da relocação desse pessoal para outras áreas ou da renovação de licença para continuarem com o trabalho que fazem. Ver cada um desses trabalhadores como pessoas, conhecer um pouco de suas histórias e motivos de estarem desempenhando aquele trabalho, vendendo aquele produto especificamente foi a motivação de sair pelas ruas em busca de cada um deles.

A fotografia é um exemplo de mídia que se pode considerar como possuindo uma certa "universalidade" de linguagem, por isso a escolha desta forma de comunicação para tratar a perspectiva não convencional dos trabalhadores autônomos nos sinais.

Partindo da ideia de que o ser humano é fisiologicamente incapaz de prestar atenção simultânea a todos os estímulos de uma estrutura complexa, já que apenas alguns estímulos conseguem ser abarcados pela atenção do leitor por vez, resolveu-se privilegiar sempre uma zona da imagem que funcione claramente como foco de atenção, neste caso o protagonista do ensaio, o autônomo em seu trabalho cotidiano.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para produção deste trabalho, foi realizado levantamento bibliográfico, que serviu como referenciação teórica da experiência fotojornalística. Na produção da narrativa fotográfica em si, utilizou-se as seguintes técnicas de coleta de dados, tendo em vista a produção de um conteúdo documental: levantamento e pesquisa sobre o tema na internet e com motoristas da cidade para conhecer os pontos onde se encontram mais assiduamente estes trabalhadores ambulantes; registro fotográfico digital; técnica da observação, para entender a dinâmica do trabalho destes profissionais no sinal – como vendem, como convencem, onde guardam o produto, como negociam com os motoristas, etc; e a técnica de entrevista aberta, a fim de construir a parte textual do ensaio fotojornalístico, já que o fotojornalismo é uma construção formada por imagem e texto. A entrevista permitiu conhecer melhor e com mais propriedade a vida pessoal, família, anseios, projetos e dinâmica de trabalho de cada autônomo.

“Não é raro abordar-se um problema social seguindo-se a vida quotidiana que uma determinada pessoa leva” (SOUSA, 2002, p.128), foi com a intenção de acompanhar o

trabalho destes profissionais, *in loco*, mesmo que por um curto espaço de tempo, que o fotojornalista percorre seis diferentes sinais da capital potiguar em busca da observação e percepção do trabalho cotidiano destes profissionais.

Optou-se por fazer o registro fotográfico apenas com ambulantes dos sinais da Zona Sul de Natal-RN, tendo em vista que a capital potiguar é uma cidade grande que comporta inúmeros destes trabalhadores e ficaria difícil representar todos em apenas dez fotografias.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Este ensaio foi um trabalho referente à avaliação da terceira unidade do componente curricular Fotojornalismo (do curso de Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) no semestre letivo 2012.1.

A proposta deste trabalho da disciplina era a produção de uma narrativa visual fotojornalística, a partir de uma temática livre, composta por dez fotos na vertical ou horizontal, com liberdade para escolha de planos e enquadramentos, acrescida de uma legenda para cada uma das dez fotografias.

O ensaio foi feito num único dia, terça-feira 26 de junho de 2012. Foram percorridos diferentes sinais das principais avenidas da Zona Sul da capital potiguar, na busca por vendedores ambulantes que comercializassem produtos diferentes uns dos outros e, preferencialmente, que tivessem histórias de vida variadas. Todo o trajeto foi feito de carro.

Os seis sinais onde os trabalhadores foram encontrados pelas lentes do fotógrafo foram: 1 - cruzamento da av. Roberto Freire com a Ayrton Senna; 2 - sinal da Roberto Freire na altura do shopping Cidade Jardim; 3 - cruzamento da av. Prudente de Moraes com a av. da Integração; 4 - av. Prudente de Moraes na altura do estádio Arena das Dunas; 5 - cruzamento da av. Jaguarari com a av. Capitão-mor Gouveia; 6 - cruzamento da av. Lima e Silva com a av. Prudente de Moraes. Na maior parte dos sinais, trabalham vários ambulantes com produtos diferentes uns dos outros, por isso alguns dos registros fotográficos aconteceram na mesmo ponto, apesar de terem sido com pessoas distintas.

Partindo da premissa de que “fazer fotojornalismo ou fazer fotodocumentalismo é, no essencial, sinónimo de contar uma história em imagens” (SOUSA, 2002, p.8), a ideia deste trabalho foi encontrar dez personagens diferentes, com histórias particularmente distintas e que ofertassem um produto ou serviço diferente do outro – frutas, acessórios para carro, raquetes elétricas para matar insetos, entregador de panfletos, limpadores de para-brisa, palhaço-malabarista, brinquedos; biscoitos; flanelas; e artigos esportivos.

O primeiro passo para produção do ensaio foi pensar em qual seria o tema da narrativa fotojornalística. Essa escolha de um tema se dá pela própria característica de trabalhar com projetos que o fotodocumentalismo tem, o que reforça Jorge Pedro Sousa:

“Enquanto o fotojornalista raramente sabe exactamente o que vai fotografar, como o poderá fazer e as condições que vai encontrar, o fotodocumentalista (...) quando inicia um trabalho, tem já um conhecimento prévio do assunto e das condições em que pode desenvolver o plano de abordagem do tema que anteriormente traçou” (SOUSA, 1998, p.6).

O documentalismo social, forma mais comum do fotodocumentalismo, costuma abordar temas humanos, acontecimentos da vida humana e situações que afetam a vida do homem em sociedade, enquanto ser social. Para tanto, resolveu-se tratar do tema: trabalhadores autônomos nos sinais, apresentando essas pessoas além do que a mídia de massa costuma abordar.

Antes de sair a campo, foi necessário preparar equipamento (câmera Fujifilm Finepix S4000, caneta e bloquinho); consultar a previsão do tempo, uma vez que as fotos aconteceram no mês de junho no qual os dias chuvosos são bem recorrentes; e pontuar possíveis semáforos a serem visitados durante o trajeto a fim de encontrar os protagonistas deste ensaio, já pensando nos sinais onde diariamente são vistos estes trabalhadores.

De câmera na mão e pé no mundo, o próximo passo foi a abordagem feita com cada um dos personagens, que acabam reagindo de forma variada à situação de ser fotografado e de conversar com um estudante de Jornalismo sobre sua identidade, história, trabalho, família, planos, etc. Jorge Pedro Sousa (2002, p.129) explica bem um aspecto imprescindível utilizado nesta abordagem: “o próximo passo é estabelecer contacto pessoal com os sujeitos que surgirão nas fotografias, explicando-lhes detalhada e claramente os propósitos do projecto, a forma como as fotografias serão editadas e onde serão editadas”. Essa clareza quanto ao propósito do ensaio está relacionada à questão ética do profissional.

A abordagem foi fundamental para construção das legendas e compreensão do contexto de cada autônomo para retratar nas imagens o que fosse mais coerente com o desempenho de cada um na sua atuação nos sinais. Alguns dos autônomos ficaram receosos, não aceitando num primeiro momento serem fotografados ou ceder informações sobre a vida pessoal. Outros se mostraram envergonhados com as lentes, mesmo depois de já terem contado a vida inteira ao repórter. Contudo, as fotografias e as informações pessoais foram obtidas com consentimento total das fontes.

Os registros foram feitos numa época do ano chuvosa no litoral potiguar, por isso todas as fotos foram feitas no mesmo dia, já que o tempo se apresentou ensolarado. Depois de encontrados os dez personagens de produtos/serviços distintos e que se disponibilizaram a ceder foto e entrevista e feitas as fotos, passou-se ao processo de pós-produção que teve início com a seleção de uma foto de cada personagem dentre as que foram feitas.

Por se tratar de uma narrativa fotojornalística, utilizou-se o mínimo de edição de imagem. Das dez fotografias, apenas uma teve corte (palhaço-malabarista) e duas tiveram sutil ajuste na saturação (vendedor de artigos esportivos e vendedor de frutas). Para Jorge Pedro Sousa, a manipulação digital não deve ser feita de forma a comprometer o conteúdo jornalístico da fotografia ou de modo a alterar o significado, a produção de sentido desta.

Para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação entre fotografia e texto, como explica Sousa (2002, p.9), ao se falar em fotojornalismo, é preciso ter em mente mais que exclusivamente o registro fotográfico: “A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem”.

Sabendo-se que “não existe fotojornalismo sem texto”. (SOUSA, 2002, p.76) e que o texto é elemento imprescindível da mensagem fotojornalística, apesar de texto e foto não serem consideradas estruturas homogêneas, já que delimitam espaços graficamente distintos no suporte a que se apresentem, as fotos da narrativa fotojornalística com os trabalhadores autônomos dos sinais vieram acompanhadas de seus respectivos textos - fotolegendas:

Palhaço-malabarista: Por trás da maquiagem extravagante e das roupas coloridas do Palhaço Chapeuzinho está Enaldo Lima, natural de Cuiabá/MT, atualmente morador do município de Extremoz/RN. Casado, pai de seis filhos, Enaldo nasceu no circo e, com ele, simultaneamente, nasceu Chapeuzinho. Quando não está fantasiado fazendo a alegria das multidões - mesmo que uma multidão de motoristas mal humorados, Enaldo atira facas, faz malabares e outros truques de circo. Há três anos, de segunda à sexta-feira, Chapeuzinho dá o ar da graça no sinal da Avenida Roberto Freire com a Ayrton Senna, sempre no horário de seis da manhã às quatro da tarde, é daí que ele tira o ganha pão da família.

Limpador de para-brisa: Carioca, 27 anos, Roberto Paulo de Lima está em Natal há quase um ano. Residindo na casa de um tio, que mora em Natal há 15 anos, Roberto sai todos os dias, de segunda à sexta (às vezes de segunda ao sábado), do bairro do Guarapes (Zona Oeste de Natal) com destino ao semáforo da Avenida Roberto Freire, em frente ao supermercado Nordestão. Há cinco meses nesse ponto, seu horário de trabalho varia, ele

chega às 9h e sai às 15h, de vez em quando às 16h, depende do dia. De trocado em trocado, ele tira, em média, 30 a 40 reais por dia de serviço. Roberto limpa para-brisa de carro.

Vendedor de raquetes elétricas: Se o seu problema é com mosquitos, fique tranquilo, Júnior Ferreira Gomes, 28 anos, tem a solução. Demonstrando o funcionamento do apetrecho no sinal da Avenida Roberto Freire, em frente ao Nordesteão, a cada um dos motoristas que para por ali, Júnior oferece raquetes elétricas para matar mosquitos, moscas, pernilongos e o que vier pela frente. Ele bate ponto de segunda ao sábado, de 8h às 17h e diz vender até 20 raquetes num único dia. Cada uma dessas maravilhas custa dez reais, mas Júnior sabe que o cliente sempre pechinha, então, oferece sempre por um valor mais alto. Para Júnior, o preconceito de muitos motoristas, que acham que quem trabalha na rua é marginal, atrapalha suas vendas. Ele está nesse mesmo sinal há 16 anos.

Entregador de panfletos: Vai completar um mês que Luan Diniz, 18 anos, morador do conjunto Gramoré (Zona Norte de Natal) começou a entregar panfletos da Diniz motopeças, lavajato e borracharia no sinal da Avenida Roberto Freire, em frente ao Shopping Cidade Jardim. Ele trabalha por 25 reais o turno, de 8 às 12h. Luan é da família proprietária do negócio para o qual distribui os panfletos. Ele recebe de 500 a mil folhinhas que são entregues em mãos aos motoristas que transitam por ali. Luan explica que está fazendo esse trabalho para descolar mais dinheiro e realizar a compra de uma moto.

Vendedor de artigos variados: Natural de Paraú/RN, distante 236 Km da capital Natal, Djailson Fernandes, 40 anos, é casado e, para usar de suas próprias palavras, tem “um bocado de filho”, mas apenas um (de dois anos) mora com ele e a esposa. Faz um ano e três meses que Djailson fincou o pé a primeira vez no sinal da Prudente de Moraes com a Avenida da Integração e todo dia de segunda à sexta ele está lá vendendo seus itens. A mercadoria varia, vai desde tapetes, cofrinhos e brinquedos à raivinhas e biscoitos. Djailson está sempre variando e diz que tem, naquele sinal, clientes fieis que sempre compram o que ele está vendendo, e ajudam-no a manter as despesas da casa.

Vendedor de flanelas: Ele tem apenas 15 anos, cursa o 8º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Francisca Ferreira, é natural de Natal e mora no Bom Pastor (Zona Oeste da cidade). Rafael Jefferson trabalha no sinal da Avenida Prudente de Moraes, próximo ao kartódromo, vendendo um utensílio simples, útil, barato e fácil de transportar: flanelas. Ele estava precisando de dinheiro, não querendo depender dos pais para comprar suas próprias coisas. Conversando com um amigo que já trabalhava no ramo,

Rafael resolveu arriscar e deu o ponta pé inicial no ofício. De segunda ao sábado, de 9h ao meio dia, o adolescente vende flanelas laranjas a dois reais, ele tira de 20 a 25 reais por dia.

Vendedor de utensílios para carro: De longe, até parece um robô ou personagem de ficção científica. Valmir França tem 39 anos, mora no bairro Dix-sept Rosado (Zona Oeste de Natal), com a mulher e tem dois filhos, que moram na casa da avó. Ele carrega no corpo tudo o que vende: utensílios para carro, que vão de para-sol, carregador de celular veicular, capa para volante, até protetor de cinto e massagador de banco para as costas. Com tudo isso empilhado e debaixo do sol que faz todas as manhãs no sinal da Avenida Prudente de Moraes, próximo ao Kartódromo, trabalha Valmir. Outros estão no ar condicionado, digitando em suas salas fechadas, enquanto ele fica de 8h30 às 10h de segunda à sábado para conseguir, em média, 25 reais por dia com suas vendas. Ele vai embora cedo porque de lá assume noutra emprego, o sinal é um complementar à renda.

Vendedor de brinquedos: A mulher recebe um benefício do governo. Ele, todo dia, de segunda ao sábado, de 9 às 18h, está no cruzamento da Avenida Jaguarari com a Capitão-Mor Gouveia tirando, em média, 30 reais ao dia com suas vendas. João Maria tem 29 anos e conta que somando a renda dele e da mulher não dá para viver bem sustentando os quatro filhos (dois dele e dois dela). Tem o aluguel, a feira, o transporte, e quatro filhos... Ele diz que é despesa demais. João Maria começou nessa empreitada de trabalhar no sinal com 12 anos. De lá para cá já comercializou inúmeros produtos.

Vendedor de frutas: Hoje ele mora no Planalto (Zona Oeste de Natal), mas sua origem está na cidade de Caraúbas (distante 296 km da capital). Casado, pais de dois filhos, Paulo Humberto de Souza tem 37 anos e seu trabalho é vender frutas no semáforo da Avenida Jaguarari com a Capitão-Mor Gouveia. Morango, caju, banana, tangerina, caqui... Dá para fazer uma salada fácil. O dia de Paulo começa saindo de casa às 4h da manhã para comprar sua mercadoria na Ceasa. De lá, carregando pilhas de caixas (sem amassar o produto), ele segue para o sinal de costume, onde faz ponto há cinco ou seis anos, ele nem sabe mais precisar o tempo. 6h30 ele já está de bandeja na mão, oferecendo saúde em forma de frutas. O que vende mais é a banana, ele aponta, mas tudo vai depender da época do ano. Paulo volta para casa com 40 a 50 reais no bolso, sendo esse lucro bruto.

Vendedor de artigos esportivos: O time que está melhor no campeonato é o que sempre vende mais. Isso explica Raimundo Ovídio Rodrigues, 61 anos, natural de Currais Novos (a 172 km da capital potiguar), que reside com a esposa em Neópolis (Zona Sul de Natal). Ele tem dois filhos, mas já crescidos, donos da própria vida, morando em suas casas

com suas famílias. À Raimundo, restou a disposição de sair todos os dias, de terça à sexta, das 6 às 14h, para armar sua corda na Avenida Lima e Silva com a Prudente de Moraes, bem de frente para o que um dia foi o estádio Machadão e, hoje, se ergue uma arena. Ele vende camisetas dos times, calção, boné, chaveiro, bandeira... Tudo o que o torcedor precisa para demonstrar sua devoção e fanatismo. Há 16 anos, seu Raimundo trabalha nesse negócio. Arrecada na faixa de 40 reais por dia.

6 CONSIDERAÇÕES

O fotojornalismo é uma prática que deve ser aplicada com fins sociais e humanos. O objetivo deste trabalho, de valorizar e repercutir o trabalho honesto dos autônomos dos semáforos, marginalizados socialmente e frequentemente vítimas de desprezo e indiferença, foi alcançado com a seleção de fotos mais humanas, associadas a um texto-legenda de caráter leve, objetivo, sucinto, mas informal e até descontraído, provocando a reflexão.

Apesar do espaço geográfico onde as fotografias foram feitas ter sido delimitado (apenas Zona Sul da cidade), somente um dos autônomos residia nesta zona de Natal. Todos os demais eram das zonas Norte, Leste e principalmente Oeste, considerada a mais violenta e com maior índice de pobreza e falta de infraestrutura. Os moradores saem de áreas mais humildes para os semáforos das áreas mais favorecidas.

O ensaio pode demonstrar também que essa atividade profissional ainda é predominantemente masculina. Na busca por dez perfis o mais distintos possível, nenhuma mulher foi encontrada em qualquer localidade do trajeto percorrido.

Apesar dos perfis encontrados serem de pessoas diversificadas, alguns aspectos convergiram: a maior parte é do sexo masculino, de bairros periféricos, com pouco estudo, inicia o trabalho bem cedo para deixar o posto até às 16h, ganham em média 40 reais por dia, a atividade autônoma é a principal fonte de renda, moram com a mulher (geralmente sem união registrada em cartório) e filhos, e trabalham no mesmo sinal há muitos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. 2 ed. Tradução Pedro Miguel Frade. Lisboa: Veja, 1995.

KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é Fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1998.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002.